

AMORIM, Henrique (org.). *Trabalho (imaterial). Valor e Classes Sociais: Diálogos com pesquisadores contemporâneos*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

Por Marcela Andresa Semeghini Pereira<sup>1</sup>

Henrique Amorim, professor de Sociologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), nos brinda com uma bela e ousada obra, de metodologia pouco comum, consistindo em entrevistas. Através desta ferramenta, elabora perguntas pertinentes e focadas nas especialidades de pesquisa de cada entrevistado, composto, por estudiosos marxistas (embora Dominique Méda exponha que se distanciou de Marx, pois acredita que este permanece produtivista e, a partir de determinado momento, seguimos sozinhos; e Robert Castel informe que jamais foi um marxista no sentido literal da palavra) de nacionalidade francesa, brasileira e inglesa (apenas John Weeks).

De acordo com o organizador, foi a partir da pergunta “O que é trabalho imaterial?” que germinou o interesse em estruturar um livro de entrevistas com pesquisadores contemporâneos. Em 2009 iniciou a realização das entrevistas, base para um estudo sobre a teoria do valor-trabalho e sobre como essa teoria havia sido instrumentalizada pelo debate sobre o trabalho imaterial. No decorrer do processo, verificou que era necessário ampliar a problematização, tratando também do Trabalho, Valor e Classes Sociais, vendo-os como relações sociais centrais para a investigação do trabalho imaterial e para a análise da sociedade capitalista contemporânea.

Iniciou sua trajetória de entrevistas em 2009, finalizando-as apenas em 2017. São vinte e duas entrevistas e a escolha dos entrevistados seguiu diretamente o critério objetivo das temáticas do livro. São pesquisadores que se destacam, mundialmente; filósofos, economistas, historiadores e cientistas sociais que haviam tratado dos temas trabalho, valor e classes sociais, articulando-os teoricamente. Desta forma, é impossível apresentar um resumo das várias contribuições, considerando os inúmeros posicionamentos sobre os temas que passam pelo trabalho imaterial, classes sociais e valor, a seguir, daremos uma pincelada dos conteúdos e abordagens que nos chamou a atenção.

É um importante material com exposições sobre as questões e desafios do marxismo no século XXI. Expõem contribuições de autores marxistas no cenário de crise do capitalismo

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UNESP Marília.

global da década de 2010, apresentado, além de temas candentes do momento, problemáticas clássicas: o fetichismo da mercadoria, a centralidade do trabalho, a teoria do valor-trabalho, classes sociais, consciência de classe, desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção, trabalho produtivo e improdutivo, trabalho material e trabalho imaterial, trabalho concreto e trabalho abstrato, relações entre tempo de trabalho e tempo livre, dimensões das lutas sociais hoje, mais valia, consubstancialidade e outros.

Uma pergunta recorrente nas entrevistas é sobre o método de trabalho utilizado pelo entrevistado, às respostas são variadas, mas a que chama a atenção é a dada pelo professor Celso Frederico, informando que o método depende do objeto e a ele está subordinado. Neste sentido, o pesquisador deve escolher o caminho de acesso mais adequado a percorrer e escolher a alternativa mais fecunda. Celso Frederico relata seu percurso de estudos, dedicados a texto que julgava ser importante, não havendo nenhuma finalidade imediata, pois “Estudávamos pelo prazer de conhecer: só depois de quinze anos surgiu a ideia de escrever algo. Trata-se, como se pode perceber, de um comportamento pouco atual nesses tempos ágeis [...]” (p. 49). O método que utilizava nesta época era a leitura e releitura em voz alta, de forma pausada. O autor destaca que o contraste com o tempo presente é enorme, visto que atualmente os alunos informam-se teoricamente por meio de ferramentas de busca para pescar palavras-chave e não mais a leitura direta dos textos. O resultado é desastroso, pois não têm dificuldade de concentração, de correlacionar idéias e a cultura do chute.

O termo “puro capitalismo” foi trabalhado por Michel Husson (p. 238), que escreveu um livro sobre este tema, como sendo o capitalismo que se libera de algumas amarras, constrangimentos e regulamentações, operando como acha conveniente, similar ao seu próprio conceito. Essa idéia objetiva fazer oposição a tese de que o capitalismo teria sido pervertido pela finança.

Jacques Bidet e Gerárd Duménil são instigados a apresentarem os *cadres*, a terceira modalidade de classe social, estes são responsáveis, sobretudo pela administração das empresas e aparelhos do Estado. Os *cadres* são o pessoal do escritório e as pessoas que estão na organização da produção das empresas sendo, efetivamente, a nova classe dominante. Já o termo *encadrement*e faz menção a funções específicas da divisão social do trabalho destinados aos *cadres*, que sejam: conceber, controlar, gerenciar, legitimar e reproduzir as relações capitalistas de produção. Essa classificação não é conceitual (poucas abordagens são unânimes dentro do debate marxista).

A importância da leitura dos *Grundrisse*, pelos estudiosos dentro e fora do Brasil, é um tema que chama a atenção, Francisco Teixeira (p. 95) aponta que, embora concorde com

Roman Rosdolsky quanto aos cadernos de 1857-1858 serem anotações que serviram de base para a redação de *O capital*; considera que a ausência de capítulos como A Jornada de Trabalho, A Grande Indústria, Variação de Grandeza da Força de Trabalho e da Mais-Valia, Salários, A Lei Geral da Acumulação Capitalista, a Chamada Acumulação Primitiva e a Teoria da Colonização; são fundamentais para se compreender o processo de produção do capital. Esta é a prova de que não se pode substituir *O capital* pelos *Grundrisse*, estes podem ser utilizados apenas como fonte de pesquisa, e não obra definitiva e acabada. Já Michel (p. 236) Husson acredita que os *Grundrisse* é o que há de melhor em Marx, onde este avança mais na crítica que em *O capital*.

Quanto à teoria do valor-trabalho frente às novas tecnologias da informação, Jean Lojkin (p. 163-164) concorda que a teoria do valor continua valendo, mas deve-se entender que esta sofre as influências das contradições do capitalismo atual, como em relação a função dos investimentos no domínio da pesquisa, da formação da saúde etc. Neste campo o marxismo não possui muitas respostas, pois o capital vai financiar a saúde, a pesquisa, a educação, a cultura etc não sendo um investimento produtivo, mas de um capital constante, de um capital fixo/constante. Para Lojkin é preciso levar em conta as novas contradições sociais, onde o trabalho produtivo e o trabalho improdutivo se juntam, haja vista, a necessidades de enormes investimentos de capitais em pesquisa e desenvolvimento e, conforma a incapacidade das empresas privadas em não conseguirem mais investir suficientemente sem colocar em risco seu lucro.

Ao tratar sobre a liberação de tempo de trabalho, Jorge Grespan (p. 203) retoma a diferença entre trabalho produtivo e improdutivo, sendo o trabalho criador de mais-valia restrito ao capital industrial, atividades agropecuárias, mineradoras, extrativistas etc. Este, além de ser parte da massa de trabalho empregada, está diminuindo em termos proporcionais pelo avanço da tecnologia substituindo mão de obra por meios de produção. Mas a mão de obra dispensada pelo capital industrial é absorvida pelo capital comercial, financeiro, educação. E estes setores, a medida que atuam de modo cada vez mais agressivo na disputa pela mais-valia social criada pelo setor produtivo, exploram os empregados em escala crescente. Se de um lado se fala em “liberação de tempo de trabalho”, nota-se quão antitético, pois se trabalha sempre mais, sem folga e sem direitos. Esta contradição é uma expressão do paradoxo do capital que anula qualquer efeito progressista que a liberação possa ter. Para Grespan, é uma forma de manifestação dos limites a que chega o sistema capitalista e não de sua possível superação, de sua saída num sentido positivo.

A pergunta “em que medida o trabalho voluntário compõe a lógica do tempo livre?” (p. 275) foi feita para Ricardo Antunes (curiosamente, aquele que apresentou respostas mais longas), que considera o trabalho voluntário como uma forma de suprir o “desassalariamento” que houve no espaço público e privado e que o terceiro setor, que ganhou um espaço significativo, acabou ocupando, como as ONGs. Este trabalho tem um papel funcional na preservação do sistema social do capital, por estruturar o desempregado e para fazer atividade do espaço privado.

Ao responder sobre a teoria do fetichismo da mercadoria, Michael Löwy (p. 226) trata-o como um caso específico da alienação como fenômeno geral, mas é um caso específico fundamental, porque imprime sua marca na sociedade capitalista. Na sociedade capitalista tudo recebe a impregnação do fetichismo da mercadoria, tudo se transforma em um processo de mercantilização geral de tudo, não só dos produtos da indústria, mas tudo se transforma em mercadoria, tudo entra na lógica do fetichismo. O fetichismo é uma abstração real, ele faz parte da realidade econômica e social, independente de você acreditar ou não nessa ideologia, ele tem uma substância que não é unicamente ideológica. Embora haja um trabalho de ideologização do fetichismo, este é um processo real, como a alienação é mais do que uma ideologia, é o processo através do qual os indivíduos são submetidos a forças que eles já não controlam. Como o mercado, que se transformou em uma entidade autônoma, funciona de forma irracional, absurda e destruidora. “É um monstro que escapa ao seu criador.” Há ideologia, mas a realidade fetichista e alienada é evidente.

Helena Hirata (p. 134), uma das mulheres entrevistadas (totalizando três, num universo de vinte e dois entrevistados) desenvolve a idéia de consubstancialidade ou interseccionalidade que incorpora e comporta outras dimensões, além do gênero, intrínseca ao seu conceito que é juntar, integrar, associar, não só o gênero, mas também a raça e a opressão de raça e a classe social e sua opressão.

Quanto à importância e atualidade de Marx, há um consenso. Alain Bihl (p. 21) expõe que Marx é um ponto de partida obrigatório para a compreensão do mundo no qual vivemos, sem passar por ele não chegaremos a grande coisa. Daniel Bensaïd (p. 63) acredita que o pensamento de Marx é atual, sendo a atualidade do capital que é o seu objeto crítico. Para Michael Löwy (p. 223), o método de Marx, continua, não só está vivo, como é extremamente atual.

Referente à atualização da teoria de Marx, Jacques Bidet (p. 142) acha que não se trata de atualizá-lo e sim de tomá-lo como um grande teórico da história da ciência. Francisco de Oliveira (p. 85) diz que a partir de Marx temos a obrigação de formular novas questões

capazes de interrogar a realidade. Sadi Dal Rosso (p. 305) acredita que Marx é um personagem do século XIX, no sentido teórico, político, estrutural e conjuntural; desta forma, devem ser revisados: a sua teoria da transição e a teoria da construção de uma sociedade socialista composta de sujeitos autônomos.

Para Marcos Del Roio (p. 214), Marx ainda não é um autor conhecido em profundidade, embora haja inúmeros comentadores e intérpretes competentes, visto que suas obras completas ainda estão em fase de publicação. Mesmo assim a obra de Marx sempre foi instrumento de conhecimento e luta quando vivo, mesmo que pouco conhecido ou distorcido. Para Del Roio, Marx ainda tem muitíssimo a oferecer para a luta pela emancipação humana e ir além dele significa que devemos adentrar em uma nova fase histórica, avançar no processo de emancipação humana, na transição socialista, e não dizer que o autor esteja superado.

Para aguçar ainda mais o interesse do futuro leitor, seguem algumas das principais influências dos pesquisadores entrevistados: Marx, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Norbert Elias, Ernest Mandel, Andre Gorz, Lucien Goldman, Rosa Luxemburgo, Georg Lukács, Walter Benjamin, Antonio Gramsci, István Mészáros, Max Weber, Keynes, Ruy Fausto, Paul Boccara, Althusser, Danièle Kergoat, Rancière, Paulo Arantes, Habermas, Jean-Marie Vincent, Andre Gorz, Toni Negri. Demonstrando a densidade e riqueza das explicações.

Podemos constatar, depois desta breve apresentação, que as respostas são densas, ou mais, os entrevistados apresentaram-nos teorias consistentes do cotidiano, fruto de estudo intenso e longo. São reflexões de toda uma vida dedicada à interpretação e modificação da realidade posta.

As entrevistas inseridas neste livro demonstram que não há consenso nas interpretações dos textos de Marx, há sempre uma resposta diferente, contrária ou não, mas com abordagens diversas, para a mesma indagação; e não há consenso quanto à luz de suas teorias trazidas à prática do momento atual, deixando claro que a contribuição do autor não esgota o entendimento da realidade, no entanto, seu resgate é fundamental para enfrentar este desafio presente e o que virá no futuro. O marxismo como religião não contribui para o entendimento da realidade, e, felizmente, as respostas aqui tratadas solidificam este entendimento. A teoria marxista está longe de ser estanque e tediosa, ao contrário, é dinâmica e apaixonante, como podemos concluir ao apreciar este livro primoroso.

RECEBIDO EM 12-03-2017

APROVADO EM 31-08-2017